

OS RISCOS OCUPACIONAIS EM QUE OS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL PÚBLICO ESTÃO EXPOSTOS

OCCUPATIONAL RISKS THAT PUBLIC HOSPITAL NURSING PROFESSIONALS ARE EXPOSED

Leila das Graças Siqueira¹
Anne Caroline Moraes Rodrigues²
Isabella Karoline Vieira Rocha²
Valdinei Ferreira de Jesus²
Ana Paula de Oliveira Nascimento Alves³
Carla Silvana de Oliveira e Silva⁴

RESUMO

Verificar os riscos ocupacionais em que profissionais de enfermagem de um hospital público estão expostos. Estudo quantitativo, descritivo do tipo transversal junto a equipe de enfermagem de um hospital público na cidade de Montes Claros - MG em outubro de 2011, utilizando um questionário estruturado. Os resultados permitiram descrever que a maioria da equipe de enfermagem está exposta a riscos ocupacionais, sendo que o risco biológico foi o mais presente, seguido do risco ergonômico, risco de acidentes, risco químico e o risco físico. Dentre os profissionais que participaram desta pesquisa, grande parte destes, afirmaram já terem sofrido algum tipo de acidente de trabalho o que se deve quase sempre a exposição por material biológico, apesar da maioria dos trabalhadores responderem que fazem uso de Equipamentos de Proteção Individual ao realizarem procedimentos que envolvem o contato com material biológico. Conclui-se que há necessidade de capacitação dos profissionais para identificarem os riscos e tomar medidas preventivas para evitar acidentes de trabalho e lesões que podem afetar tanto a saúde física quanto psicológica.

Palavras Chave: Riscos Ocupacionais. Enfermagem. Acidentes de Trabalho.

ABSTRACT

To verify the occupational hazards in which nursing professionals from a public hospital are exposed. A quantitative, descriptive, cross-sectional study with the nursing team of a public hospital in the city of Montes Claros, MG, in October 2011, using a structured questionnaire. The results allowed to describe that the majority of the nursing team is exposed to occupational risks, with the biological risk being the most present, followed by ergonomic risk, accident risk, chemical risk and physical risk. Among the professionals who took part in this research, a large number of them reported that they had suffered some kind of work accident, which is almost always the result of exposure to biological material, despite the fact that most workers respond using Individual Protection Equipment when performing Procedures that involve contact with biological material. It is concluded that there is a need for professional training to identify risks and take preventive measures to avoid work-related injuries and injuries that can affect both physical and psychological health.

Keywords: Occupational Risks. Nursing. Occupational Accidents.

¹ Enfermeira, Professora, Mestre em Saúde Pública, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Universidade Estadual de Montes Claros, Instituto Ciências da Saúde/ICS e Faculdades Santo Agostinho. e-mail: leilasiquerasantos@yahoo.com.br

² Acadêmicos de Enfermagem do Instituto Ciências da Saúde/ICS Faculdades Unidas do Norte de Minas/Funorte de Montes Claros MG.

³ Professora de Enfermagem do Instituto Ciências da Saúde/ICS Faculdades Unidas do Norte de Minas/Funorte de Montes Claros MG.

⁴ Professora da Universidade Estadual de Montes Claros e Faculdades Santo Agostinho.

INTRODUÇÃO

De acordo com os estudos de Mauro *et al.* (2004) o trabalho é uma das práticas mais importantes na vida do ser humano, sendo esta atividade indispensável para o seu sustento em seu próprio ambiente familiar. No entanto, o indivíduo não deve trabalhar apenas em função do salário, mas deve levar em consideração a satisfação pessoal que sente ao realizar o seu trabalho e os resultados que obtêm através do seu próprio esforço. Os “riscos ocupacionais são todas as situações de trabalho que podem romper o equilíbrio físico, mental e social das pessoas e não somente as situações que originem acidentes e enfermidades” (NISHIDE; BENATTI, 2004, p. 407). Sendo que segundo Robazzi e Marziale (2004) os riscos ocupacionais em que os trabalhadores de enfermagem estão expostos podem ser caracterizados como biológicos, químicos, físicos, psicossociais e ergonômicos.

Mauro *et al.* (2004) descrevem que de acordo com a Norma Regulamentadora – NR 9 os fatores de risco a saúde e segurança dos trabalhadores são os Riscos Físicos: ruídos, vibrações, radiações ionizantes, radiações não ionizantes, frio, calor, pressões anormais e umidade; Riscos Químicos: poeira, fumo, névoas, neblina, gases, vapores, substâncias, composto ou produtos químicos em geral. Já Marziale e Rodrigues (2002) afirmam que os riscos químicos na área da saúde incluem o contato com gases e vapores anestésicos, antissépticos e esterilizantes, drogas citostáticas, entre outros. Ainda segundo a Norma Regulamentadora (NR) 9 os riscos biológicos se referem a: vírus, bactérias, protozoários, fungos, parasitas e bacilos; Risco Ergonômico: esforço físico intenso, levantamento e transporte manual de peso, exigência de postura inadequada, controle rígido de produtividade, imposição de ritmo excessivo, trabalho noturno e jornada de trabalho; Riscos de acidentes: arranjo físico inadequado, máquinas e equipamentos sem proteção, ferramentas inadequadas ou defeituosas, iluminação inadequada, eletricidade, probabilidade de incêndio ou explosão, armazenamento inadequado e animais peçonhentos.

Castro e Farias (2008) ressaltam que os trabalhadores de enfermagem estão expostos a estes riscos, principalmente no momento da assistência ao cliente, podendo trazer consequências para a saúde do trabalhador nos aspectos: físico, psíquico, emocional e social. Segundo Marziale *et al.* (2004) estes profissionais inseridos na assistência aos serviços de saúde, exercem atividades que exigem uma grande proximidade com o cliente pela própria característica do cuidar em enfermagem. Dessa forma, a assistência de enfermagem predispõe a ocorrência de acidentes de trabalho, destacando os acidentes decorrentes da exposição a materiais biológicos como sangue e outros fluidos corporais.

Sendo assim, esta pesquisa é de suma importância, visto que os profissionais de saúde, em especial os trabalhadores de enfermagem estão mais susceptíveis aos riscos ocupacionais, pois estes

cuidam diretamente dos clientes, estando dessa forma, mais expostos ao risco de doenças e acidentes ocupacionais (HAAG; SCHUCK; LOPES, 2001). Recorre-se aos estudos de Campos e Gutierrez (2005) para ressaltar a relevância de abordar estes riscos ocupacionais e os acidentes de trabalho que os profissionais de enfermagem sofrem, assim como o seu adoecimento, pois estes ainda não possuem a devida atenção preventiva, podendo causar lesões no trabalhador.

Este estudo teve como objetivo geral verificar os riscos ocupacionais em que os profissionais de enfermagem estão expostos dentro de um ambiente hospitalar e identificar se estes trabalhadores já sofreram algum tipo de acidente no ambiente de trabalho. Sendo os objetivos específicos: traçar o perfil dos trabalhadores de enfermagem quanto aos aspectos socioeconômicos, tempo de serviço, atividade realizada e carga horária; identificar se há a utilização de Equipamentos de Proteção Individuais pelos profissionais de enfermagem como uma medida preventiva de agravos; identificar se os acidentes de trabalho que os profissionais sofreram, podem ser associados a algum tipo de risco ocupacional.

MATERIAIS E MÉTODOS

Realizou-se um estudo quantitativo, descritivo do tipo transversal em um hospital público localizado na cidade de Montes Claros – MG. A pesquisa ocorreu no mês de outubro de 2011.

A amostra deste estudo foi constituída por 73 profissionais de enfermagem deste hospital que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: ser registrado como funcionário/profissional da enfermagem do hospital e concordar em participar da pesquisa mediante a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido. Foi excluído profissionais de enfermagem que estavam de férias, licença maternidade, ou ainda aqueles que por outros motivos não estavam presentes no momento da coleta de dados e os profissionais que não assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. O hospital em questão possui 263 profissionais de enfermagem registrados como funcionários. Sendo que, participaram da amostra 27,75% destes profissionais.

Os dados foram coletados pelos pesquisadores através de um questionário estruturado. A coleta de dados ocorreu no turno de serviço e/ou plantão do funcionário em um horário pré-agendado, de acordo com a disponibilidade dos participantes da pesquisa. Os pesquisadores foram até o setor de trabalho do funcionário explicaram sobre a pesquisa aos mesmos e entregaram a eles o questionário e ao final do turno de serviço e/ou plantão do funcionário, foi recolhido estes questionários. Destaca-se que os pesquisadores realizaram previamente à coleta dos dados, a confiabilidade do instrumento para verificar a aplicabilidade e viabilidade do questionário através de um pré-teste para a correção dos possíveis erros.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa conforme o parecer consubstanciado Processo nº 01699/11, pois, atende as normas da Resolução 196 de 1996 do Conselho Nacional de Saúde, contendo as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas. Destaca-se que todos os sujeitos participantes concordaram em participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, ficando uma com os mesmos e outra com os pesquisadores. Após a coleta dos dados, foi realizada a análise descritiva dos valores encontrados e os mesmos foram apresentados através de tabelas, os resultados foram discutidos de acordo com a literatura pesquisada e o entendimento dos pesquisadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 73 profissionais de enfermagem de um hospital público da cidade de Montes Claros- MG, sendo que 17,8% são enfermeiros, 49,3% técnicos em enfermagem e 32,8% auxiliares em enfermagem, conforme resultado apresentado na Tabela 1, concordando dessa forma com os dados descritos nos estudos de Nishide e Benatti (2004), que buscaram identificar os principais riscos ocupacionais a que estão expostos os trabalhadores de enfermagem de um hospital Universitário, assim com, constatou também que os trabalhadores da enfermagem são em maioria técnicos de enfermagem e auxiliares de enfermagem.

Em relação às características da população estudada, a Tabela 1 permite verificar a predominância de pessoas do sexo feminino (60,2%), sendo que nos estudos de Nishide e Benatti (2004) os participantes eram predominantemente do sexo feminino. Dados semelhantes também aos estudos de Rezende (2003), onde a maioria dos entrevistados (82,3%) pertenciam ao sexo feminino, pois, segundo a autora a predominância de mulheres na enfermagem é histórica, sendo que o cuidado aos pacientes parece sempre ter sido executado por mulheres religiosas, viúvas, virgens e nobres, com a finalidade de realizar caridade. Ainda hoje, esta situação continua, apesar de outras profissões da área da saúde também demonstrar interesse pelo cuidar e muitas mulheres da enfermagem parecem apresentar a vocação para a escolha dessa profissão.

No estudo em questão, a maior parte dos profissionais (49,3%) têm idade entre 18 e 30 anos, 34,2% possui entre 31 e 40 anos, 9,5% entre 41 e 50 anos e apenas 5,4% têm 51 anos ou mais de idade, conforme descrito na Tabela 1. Fato também constatado nos estudos de Nishide e Benatti (2004), onde os entrevistados tinham idade mais incidente entre 30 e 40 anos.

Destaca-se que dentre os 73 pesquisados neste estudo, 67,1% trabalham em plantão diurno (Tabela 1), o que diferencia dos estudos de Nishide e Benatti (2004) onde a maioria dos trabalhadores (53%) eram do plantão noturno. Já, quanto à carga horária dos participantes desta pesquisa, 80,8% afirmaram cumprir uma carga horária de 12 horas por dia neste hospital, de acordo

com a Tabela 1, sendo que nos estudos de Rezende (2003) sobre agravos a saúde de auxiliares de enfermagem 40% dos profissionais realizavam 36 horas de trabalho por semana, resultando na média de 6 horas por dia, 37,7% trabalhavam 40 horas semanais, o que significa 6,40 horas diárias e apenas 1,2% relataram trabalhar 76 horas por semana, o que resulta na média de 12,4 horas ao dia.

Tabela 1: Caracterização da equipe de enfermagem de um hospital público na cidade de Montes Claros no mês de outubro de 2011 n = 73

Variáveis	N	%
Idade		
18 – 30	36	49,3
31 – 40	25	34,2
41 – 50	7	9,5
51 ou +	4	5,4
Não Respondido	1	1,3
Sexo		
Masculino	29	39,7
Feminino	44	60,2
Categoria Profissional		
Enfermeiro	13	17,8
Técnico em Enfermagem	36	49,3
Auxiliar em Enfermagem	24	32,8
Turno de Trabalho no Hospital		
Diurno	49	67,1
Noturno	22	30,1
Não Respondido	2	2,7
Horas de Trabalho por Dia		
6 horas	2	2,7
8 horas	9	12,3
12 horas	59	80,8
Mais de 12 horas	3	4,1
Tempo de Serviço no Hospital		
Menos de 1 ano	8	10,9
1- 5 Anos	37	50,6
5 - 10 anos	15	20,5
10 ou + anos	13	17,8
Possui outro vínculo empregatício		
Sim	26	35,6
Não	47	64,3
Renda Salarial		
Até 2 salários mínimos	42	57,5
2 ou mais salários mínimos	21	28,7
Não Respondido	3	4,2
Total	73	100,00

Fonte: AVALIAÇÃO DE RISCOS OCUPACIONAIS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL PÚBLICO.

Considerando o tempo de serviço dos entrevistados, a Tabela 1 também descreve que grande parte dos participantes (50,6%) possui tempo de serviço no hospital entre 1 a 5 anos e apenas 20,5% tem de 5 a 10 anos. Nos estudos de Nishide e Benatti (2004), os trabalhadores possuíam tempo de trabalho na unidade e na atual função entre 3 meses e 15 anos.

De acordo com o presente estudo 64,3% dos pesquisados não possuem outro vínculo empregatício (Tabela 1), o que se torna contraditório quando colocamos em evidência os estudos de Araújo *et al.* (2003) onde 53,9% dos pesquisados possuíam outro vínculo empregatício, o que

segundo as autoras é um fator que mostra elevadas cargas de trabalho na enfermagem; sendo que a renda salarial de 57,5% dos participantes desta pesquisa é de até 2 salários mínimos, 28,7% recebem 2 ou mais salários mínimos e 9,5% recebem até 1 salário mínimo, conforme Tabela 1.

Tabela 2: Riscos ocupacionais em que estão expostos a equipe de enfermagem de um hospital público na cidade de Montes Claros no mês de outubro de 2011 n=73

Variáveis	N	%
Riscos Ocupacionais *		
Biológicos	68	93,1
Ergonômicos	41	56,1
De acidentes	35	47,9
Químicos	33	45,2
Físicos	33	45,2
Não Respondido	1	1,3
Contato com Microorganismos		
Sim	51	69,8
Não	1	1,3
Às vezes	20	27,3
Não Respondido	1	1,3
Contato com riscos químicos		
Sim	60	82,1
Não	5	6,8
Às vezes	7	9,5
Não Respondido	1	1,3
Exposição a radiação ionizante		
Sim	12	16,4
Não	33	45,2
Às vezes	28	38,3
Variações de temperatura		
Sim	32	43,8
Não	41	56,1
Esforço Físico no trabalho		
Sim	52	71,2
Não	0	0,0
Às vezes	21	28,7
Tipo de Esforço Físico *		
Levantamento de Peso	63	86,3
Posturas Inadequadas	40	54,7
Movimentos Repetitivos	31	42,4
Não Respondido	1	1,3
Situações que predispõe a queda ou acidentes		
Sim	32	43,8
Não	41	56,1

Fonte: AVALIAÇÃO DE RISCOS OCUPACIONAIS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL PÚBLICO.

Nota: * na categoria de análise de riscos ocupacionais e esforço físico os pesquisados responderam mais de uma opção de resposta.

A Tabela 2 permite verificar os riscos aos quais a equipe de enfermagem do referido hospital estão expostos, pois os profissionais de saúde, em especial os trabalhadores de enfermagem estão mais susceptíveis aos riscos ocupacionais, pois estes cuidam diretamente dos clientes, estando dessa forma, mais expostos ao risco de doenças e acidentes ocupacionais conforme descreve Haag, Schuck e Lopes (2001). Neste estudo, de todos os riscos presentes, a exposição por material biológico foi identificado por 93,1% dos profissionais, sendo o que mais afeta a equipe de enfermagem, e este número elevado de exposições está relacionado ao fato destes trabalhadores

terem contato direto na assistência aos clientes e também ao tipo e à frequência de procedimentos realizados, fato este que também foi encontrado nos estudos de Nishide e Benatti (2004). Além disso, o risco ergonômico foi identificado por 56,1% dos entrevistados, seguido pelo risco de acidentes por 47,9%, riscos físicos e químicos com 45,2% dos resultados encontrados.

Recorre-se aos estudos de Nishide e Benatti (2004) para definir que riscos biológicos se referem ao contato do trabalhador com microorganismos (principalmente vírus e bactérias) ou material infecto contagiante, os quais podem causar doenças, sendo que ao analisar os resultados deste estudo, 69,8% dos 73 participantes informaram que possuem contato com algum tipo de microorganismos, concordando dessa forma com os autores anteriormente citados onde também constatou em seus estudos, dados semelhantes aos encontrados nesta pesquisa, pois, descreve que 69% dos profissionais de enfermagem já se expuseram ao risco biológico, sendo que o mais comum foi o que envolve os objetos/materiais perfurocortantes, estando de acordo também com os estudos de Duarte e Mauro (2010) onde também constataram exposição aos riscos biológicos em 70% dos profissionais de enfermagem.

Ancora-se nos estudos da *International Healthcare Worker Safety Center* (2001) citado por Marziale *et al.* (2004) para ressaltar que a consequência da exposição ocupacional aos patógenos transmitidos pelo sangue não está somente relacionada à infecção. A cada ano milhares de trabalhadores de saúde são afetados por trauma psicológico que perduram durante os meses de espera dos resultados dos exames sorológicos. Dentre outras consequências, estão ainda as alterações das práticas sexuais, os efeitos colaterais das drogas profiláticas e a perda do emprego.

No que se refere aos riscos químicos, Xelegati *et al.* (2006) afirmam que os profissionais de enfermagem estão expostos a vários fatores de riscos ocupacionais, incluindo substâncias químicas que podem ser inaladas, digeridas ou entrar em contato com a pele, ocasionando-lhes danos à saúde. Sendo assim a Tabela 2 aponta que a grande maioria dos participantes (82,1%) relataram possuir contato com agentes químicos, o que confronta os estudos de Zapparoli e Marziale (2006) realizados em um Sistema de Atendimento Médico de Urgências (SAMU), onde apenas 30% dos participantes relataram exposição a substâncias químicas.

De acordo os estudos de Rezende (2003) os riscos físicos no ambiente de trabalho são representados pelas radiações ionizantes, não ionizantes, ruídos, vibrações, pressões anormais, temperaturas, eletricidade e iluminação. Destaca-se os estudos de Nishide e Benatti (2004) que em relação ao que diz respeito a radiação ionizante, os resultados mostram que 22% dos trabalhadores mencionaram a radiação ionizante como um risco existente no ambiente de trabalho de forma diária e periódica, e não contínua, o mesmo foi citado pelos participantes do presente estudo onde 38,3% relataram exposição a radiação apenas quando levam pacientes para realização de exames radiológicos e não de forma contínua, a maioria dos participantes 45,2% afirmaram não estar

expostos a radiações ionizantes. Ressalta-se os estudos de Zapparoli e Marziale (2006) onde descrevem que 67,5% dos trabalhadores consideram a temperatura ambiental elevada no seu ambiente de trabalho, já no estudo em questão, 56,1% não se consideram expostos a variações de temperatura.

Ao analisar os riscos ergonômicos os quais a equipe de enfermagem está exposta, Silva e Zeitoune (2009) destacam que estes riscos são causados principalmente pela postura incorreta dos trabalhadores de enfermagem em situações como movimentações de pacientes, flexões frequentes da coluna, entre outros. Neste aspecto 71,2% dos participantes desta pesquisa citaram que há exigência de esforço físico no seu ambiente de trabalho. Já Nishide e Benatti (2004) relatam que o esforço físico com lesão corporal foi mencionado por 46% dos trabalhadores sendo considerado um dos principais riscos ocupacionais. Portanto observa-se que as atividades de enfermagem exigem dos profissionais o esforço físico, sendo que no presente estudo 54,7% destes trabalhadores indicaram a adoção de posturas inadequadas como um dos fatores de risco ergonômico, estando de acordo com os estudos de Mauro *et al.* (2004), onde (53,3%) dos participantes mencionaram o mesmo.

Em relação às situações que predisõem às quedas ou acidentes no ambiente hospitalar entre os profissionais de enfermagem do referido estudo, a Tabela 2 pode constatar que 43,8% dos participantes afirmaram que seu ambiente de trabalho existe situações que predis põe a quedas como piso liso, com rachaduras ou outras situações que facilitam quedas, já quando se trata dos estudos de Nishide e Benatti (2004) apenas 22% dos trabalhadores relataram sobre o risco de quedas por piso liso/molhado, que é um fator de risco para acidentes, sendo que de acordo com essas autoras este risco não é específico apenas para área hospitalar existindo também em indústrias e comércios o que traz grande impacto na saúde do trabalhador.

De acordo com Vasconcelos *et al.* (2008) os trabalhadores da área de saúde, ao exercer suas funções, estão sujeitos a riscos, havendo a necessidade de utilizar os EPIs para prevenir o aparecimento de doenças e a ocorrência de acidentes de trabalho. Recorre-se a Almeida *et al.* (2005) para descrever que acidente de trabalho está relacionado aos riscos ocupacionais, que são elementos que estão presentes no ambiente de trabalho e podem causar danos ao trabalhador, ocasionando doenças ocupacionais adquiridas em longo prazo, portanto, uma forma de evitar acidentes com grandes proporções é o uso de EPI, constituindo assim uma barreira protetora para o trabalhador reduzindo efetivamente os riscos.

No estudo em questão, grande parte dos profissionais (91,7%) responderam que fazem uso de EPIs ao realizar procedimentos que envolvem o contato com material biológico (Tabela 3), sendo que nos estudos de Nishide e Benatti (2004) em relação ao uso de EPI pelos trabalhadores de enfermagem em uma unidade de terapia intensiva 96% dos profissionais relataram sempre utilizar

luvas durante os procedimentos, 71% referiram fazer uso da máscara e do avental, mas apenas 16% faziam uso de óculos de proteção. No entanto, segundo os estudos de Cirelli *et al.* (2007), aproximadamente 50% dos trabalhadores reconheceram não utilizar luvas para punção ou administração de medicação endovenosa.

Tabela 3: Distribuição do uso de Equipamentos de Proteção Individual, Acidentes de Trabalho e a relação destes acidentes com os Riscos Ocupacionais na equipe de Enfermagem de um Hospital Público na cidade de Montes Claros no mês de Outubro de 2011 n = 73

Variáveis	N	%
Uso de EPI		
Sim	67	91,7
Não	1	1,3
Às vezes	5	6,8
Sofreram acidentes de trabalho		
Sim	29	39,7
Não	44	60,2
Acidente de trabalho relacionado ao risco ocupacional*		
Biológico	16	55,1
Químico	1	3,4
Físico	9	31,0
Ergonômico	3	10,3
De acidentes	9	31,0
Não Respondido	1	3,4

Fonte: AVALIAÇÃO DE RISCOS OCUPACIONAIS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL

Nota: * na categoria de análise de acidentes de trabalho relacionado ao risco ocupacional os entrevistados responderam mais de uma opção de resposta.

Estudos de Duarte e Mauro (2010) descrevem que os profissionais de enfermagem não utilizam adequadamente os EPIs, podendo ter como causa a falta de conhecimento sobre as consequências do seu desuso ou pela utilização de forma errada, sendo assim, a proteção esperada de um equipamento de proteção individual é atribuída não apenas à sua adoção pelos profissionais, mas como estes equipamentos são utilizados, incluindo os processos de descontaminação, rotinas de troca, dentre outros, mas, contudo, não somente a eficácia das medidas de precaução deve ser periodicamente avaliada e aprimorada, mas a adesão dos profissionais de saúde a estas medidas, idéia esta defendida por Souza *et al.* (2008).

Este estudo permitiu verificar ainda que 39,7% dos participantes desta pesquisa sofreram acidentes de trabalho ao realizar suas atividades, e de acordo com estudos de Ribeiro e Shimizu (2007), ao analisar os registros de acidentes de trabalho do Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho – SESMT e, em um Setor de Comissão de Controle de Infecção Hospitalar – CCIH de um Hospital de Ensino do Distrito Federal, no período de 1998 a 2002 descrevem que os profissionais de enfermagem (Enfermeiros, Auxiliares de enfermagem e Auxiliar operacional de serviços diversos) apresentaram 76 acidentes e os demais trabalhadores da saúde (Médicos, Farmacêuticos, Dentistas, Auxiliar de Nutrição, Técnico de Laboratório, pessoal de Manutenção e Limpeza) sofreram 197 acidentes.

O estudo em questão mostra que dentre os acidentes de trabalho ocorridos no referido hospital 55,1% estavam relacionados ao risco biológico, o que representa a maioria dos acidentes deste estudo, comprovando os estudos de Braga (2000) em hospital público, onde a maioria dos participantes (66%) também sofreram acidentes com materiais biológicos. Estes dados também estão de acordo com os estudos de Ribeiro e Shimizu (2007) no qual dentre os acidentes ocorridos em profissionais da enfermagem 83,95% foram causados por materiais perfurocortantes e 6,17% por exposições a fluidos biológicos. Nos estudos realizados por Balsamo e Felli (2006) foi possível verificar também o predomínio de acidentes com materiais perfurocortantes 87,50%, no qual os objetos responsáveis por 35% dos casos, foram o escalpe e a agulha de injeção, representando 70% do total dos acidentes. Foi constatado também, que 73% dos acidentes tinham presença de sangue, e 20,83% dos profissionais informaram que não estavam utilizando os EPIs no momento do acidente.

Ressalta-se estudos de Marziale e Rodrigues (2002) para afirmar que esse contato com microorganismos patológicos proveniente de acidentes causados pela manipulação de material perfurocortante, ocorre com frequência na execução do trabalho na enfermagem. Para Sarquis e Felli (2002) os ferimentos perfurocortantes que acometem os trabalhadores de enfermagem representam um grave problema nas instituições de saúde, tanto pela frequência com que ocorrem, como pela grave repercussão que representam sobre a saúde desses trabalhadores. Destaca-se que de acordo com Zurita (1993) citado por Sarquis e Felli (2002) essa preocupação não é recente, pois, já em 1981 representantes da Organização Mundial de Saúde – OMS, reunidos em Haya, admitiram o fato de não possuir estatísticas nacionais e internacionais sobre acidentes e lesões que afetam os trabalhadores da saúde, entre eles os profissionais de enfermagem.

Neste estudo foi possível constatar que 31% destes acidentes foram relacionados ao risco físico, entrando em divergência com os resultados de Rezende (2003) onde apenas um trabalhador (2,1%) associou o acidente de trabalho ao risco físico. Sendo assim em relação à identificação deste risco, segundo a autora 67% dos participantes da pesquisa não identificaram o que é este risco e apenas 30,6% o identificaram de forma correta. Ainda segundo esta autora, a maioria dos entrevistados 38,8% associou os fatores/agentes de risco físico com a posição do corpo, torção de coluna e carregamento de peso, ou seja, estes fatores foram confundidos com a denominação físico, que se atribui ao corpo humano, o que segundo a autora, manifesta o desconhecimento existente, tanto em relação ao que é esse tipo de risco como em relação aos agentes a ele relacionados.

Em relação aos acidentes de trabalho relacionado ao risco ergonômico apenas 10,3% dos profissionais que se acidentaram, relataram que o acidente estava relacionado a este risco ocupacional, corroborando com os estudos de Rezende (2003) onde apenas 8,5% dos participantes relataram que os acidentes de trabalho poderiam estar relacionados aos riscos ergonômicos, e os

estudos de Parada *et al.* (2002) no qual 7% dos acidentes foram relacionados ao comprometimento da coluna vertebral.

Quanto aos acidentes de trabalho relacionado ao risco químico, apenas 3,4% dos trabalhadores que se acidentaram, afirmaram que o acidente ocorreu devido a manipulação de produtos químicos, o que para Secco (2006) as cargas químicas presentes no trabalho da equipe de enfermagem, pela manipulação de várias substâncias como quimioterápicos, antibióticos, álcoois, desincrostantes, polivinilperrolidona 10% iodo 1% (PVPI), clorohexidina, glutaraldeído, talco de luvas, formol, detergente enzimático, desinfetantes, entre outros, fazem parte do seu cotidiano. Como consequência acontecem acidentes de trabalho típicos como as alergias, as rinites e outros agravos, muitas vezes imperceptíveis no curto prazo, no mesmo estudo foi observado que as cargas químicas parecem não ser de grande preocupação para equipe de enfermagem, uma vez que estão em sua rotina laboral, parecem ser menos notado pela mesma.

De acordo com Secco (2006), os riscos presentes no ambiente de trabalho, a manipulação e transporte de equipamentos pesados, e o cuidado direto ao paciente, coloca a equipe de enfermagem exposta aos riscos de acidentes que dão origem a problemas osteomusculares. No estudo em questão 31% dos participantes se acidentaram em razão deste risco.

CONCLUSÃO

O estudo em questão permitiu avaliar a exposição da equipe de enfermagem de um hospital público em Montes Claros aos riscos ocupacionais. Sendo o mais citado pelos participantes o risco biológico seguido pelo risco ergonômico, risco de acidentes e de igual modo os riscos químicos e físicos. Em relação aos acidentes de trabalho a maioria dos participantes se acidentou por risco biológico, seguido pelo risco físico e de acidentes em igual número, o risco ergonômico e o risco químico. Quando se trata do uso de EPIs, a grande maioria dos participantes afirmou fazer uso destes quando desempenham o seu trabalho. A partir desses dados pode-se perceber que os profissionais da enfermagem têm pleno conhecimento de que estão expostos na maioria das vezes no desempenho do seu trabalho ao risco biológico, mas mesmo com esse conhecimento de sua exposição ainda são muito elevados os números de acidentes de trabalho por risco biológico, resultado que podem estar relacionados a cargas excessivas de trabalho, falta ou uso inadequado do equipamento de proteção individual, necessidade de capacitações, ou até mesmo desvio de atenção do profissional podem ser a causa desses acidentes.

Conclui-se que tanto nos riscos biológicos, ergonômicos, de acidentes, químicos e físicos, há uma necessidade de capacitação desses profissionais para identificarem esses riscos e dessa forma tomar medidas preventivas como uma postura correta, o uso adequado de EPIs e técnicas corretas,

com a finalidade de tornar os profissionais ainda mais capacitados para desenvolver suas funções, evitar acidentes de trabalho e lesões que podem afetar a vida do trabalhador para sempre, tanto física quanto psicológica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. B. *et al.* Acidentes de trabalho envolvendo os olhos: avaliação de riscos ocupacionais com trabalhadores de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 5, p. 708-716, 2005.
- ARAÚJO, T. M. *et al.* Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadoras de enfermagem. *Revista Saúde Pública*, Salvador, v. 37, n. 4, p. 424-433, 2003.
- BALSAMO, A. C.; FELLI, V. E. A. Estudo sobre os acidentes de trabalho com exposição aos líquidos corporais humanos em trabalhadores da saúde de um hospital universitário. *Rev. Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 3, p. 346-353, 2006.
- BRAGA, D. *Acidente de trabalho com material biológico em trabalhadores da equipe de enfermagem do Centro de Pesquisas Hospital Evandro Chagas*. 2000. 75 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente) - Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2000.
- CAMPOS, A. L. A.; GUTIERREZ, P. S. G. A assistência preventiva do enfermeiro ao trabalhador de enfermagem. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v. 58, n. 4, p. 458-461, 2005.
- CASTRO, M. R.; FARIAS, S. N. P. A produção científica sobre riscos ocupacionais a que estão expostos os trabalhadores de enfermagem. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 364-369, 2008.
- CIRELLI, M. A. *et al.* Adesão às precauções padrão no acesso vascular periférico. *Rev. Latino-Am Enfermagem*, São Carlos, v. 15, n. 3, 2007.
- DUARTE, N. S.; MAURO, M. Y. C. Análise dos fatores de riscos ocupacionais do trabalho de enfermagem sob a ótica dos enfermeiros. *Rev. Bras. Saúde Ocup.*, São Paulo, v. 35, n. 121, p. 157-167, 2010.
- HAAG, G. S.; SCHUCK, J. S.; LOPES, M. J. M. *A enfermagem e a saúde dos trabalhadores*. 2. ed. Goiânia: AB, 2001. 152p.
- INTERNATIONAL HEALTHCARE WORKER SAFETY CENTER. *Annual number of occupational percutaneous injuries and mucocutaneous exposures to blood or potentially infective biological substances*. Cited [On line]. Disponível em: <<http://www.virginia.edu/epinet/estimates.html>>. Acesso em: 3 set. 2001.
- MARZIALE, M. H. P. *et al.* Riscos de contaminação ocasionados por acidentes de trabalho com material perfurocortante entre trabalhadores de enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 36-42, 2004.

- MARZIALE, M. H. P.; RODRIGUES, C. M. A produção científica sobre os acidentes de trabalho com material perfurocortante entre trabalhadores de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 10, n. 4, p. 571-577, 2002.
- MAURO, M. Y. C. *et al.* Riscos Ocupacionais em Saúde. *Rev. Enferm. UERJ*. Rio de Janeiro, 12: 338-345, 2004.
- NISHIDE, V. M.; BENATTI, M. C. C. Riscos Ocupacionais entre Trabalhadores de Enfermagem de uma Unidade de Terapia Intensiva. *Rev. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 406-414, 2004.
- PARADA, E. O. *et al.* Lesões ocupacionais afetando a coluna vertebral em trabalhadores de enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 10, n. 1, p. 64-69, 2002.
- REZENDE, M. P. *Agravos à saúde de auxiliares de enfermagem resultantes da exposição aos riscos físicos*. 2003. 127f. Tese (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2003.
- RIBEIRO, E. J. G.; SHIMIZU, H. E. Acidentes de trabalho com trabalhadores de enfermagem. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v. 60, n. 5, p. 535-540, 2007.
- ROBAZZI, M. L. C. C.; MARZIALE, M. H. P. A Norma Regulamentadora 32 e suas implicações sobre os trabalhadores de enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. São Paulo, v. 12, n. 5, p. 834-836, 2004.
- SARQUIS, L. M. M.; FELLI, V. E. A. Acidentes de trabalho com instrumentos perfurocortantes entre os trabalhadores de enfermagem. *Rev. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 222-230, 2002.
- SECCO, I. A. O. *Acidentes e cargas de trabalho dos trabalhadores da enfermagem de um hospital universitário do norte do Paraná*. 2006. 291f. Tese (Doutorado em enfermagem fundamental) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.
- SILVA, M. K. D.; ZEITOUNE, R. C. G. Riscos ocupacionais em um setor de hemodiálise na perspectiva dos trabalhadores da equipe de enfermagem. *Esc. Anna Nery Rev. Enfermagem*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 279-286, 2009.
- SOUZA, A. C. S. *et al.* Conhecimento dos graduandos de enfermagem sobre equipamentos de proteção individual: a contribuição das instituições formadoras. *Rev. Eletrônica Enf.*, Goiás, v. 10, n. 2, p. 428-437, 2008.
- VASCONCELOS, B. M. *et al.* Uso de equipamentos de proteção individual pela equipe de enfermagem de um hospital de um município de Coronel Fabriciano. *Revista enfermagem integrada*. Ipatinga – Minas Gerais, v. 1, n. 1, p. 99-111, 2008.
- XELEGATI, R. *et al.* Riscos ocupacionais químicos identificados por enfermeiros que trabalham em ambiente hospitalar. *Rev. Lat. Amer. de enfer.*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, 2006.
- ZAPPAROLI, A. S., MARZIALE, M. H. P. Risco ocupacional em unidades de suporte básico e avançado de vida em emergência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 59, n. 1, p. 41-46, 2006.